

*Sublingual*

CACTOS FLUTUANTES



Prefeitura de  
**Manaus**

**Prefeito:** David Antônio Absai Pereira Almeida

**Vice-Prefeito:** Marcos Sergio Rotta

**Fundação Municipal de Cultura, Turismo e Eventos – Manauscult**

**Diretor-Presidente:** Alonso Oliveira de Souza

**Vice-Presidente:** Cristian Pio Ávila

**Conselho Municipal de Cultura – Concultura**

**Presidente:** Tenório Nunes Telles de Menezes

**Vice-Presidente:** Francineilo Batista da Silva

## **Concultura**

Conselho Municipal de Cultura

Av. Sete de Setembro, s/n. Praça Dom Pedro II – Centro

CEP: 69005-140 – Manaus – Amazonas

Ouvidoria: 0800-092-0111

E-mail: [conselho.cultura@pmm.am.gov.br](mailto:conselho.cultura@pmm.am.gov.br)

GRACE DA SILVA CORDEIRO

# SUBLINGUAL: CACTOS FLUTUANTES

**PRÊMIOS LITERÁRIOS CIDADE DE MANAUS 2021**  
**REGIONAL III. PRÊMIO VIOLETA BRANCA MENESCAL**  
MELHOR LIVRO DE POESIA

**Concultura**  
Conselho Municipal de Cultura

**Cultura,  
Turismo  
e Eventos**  
Fundação Municipal



Prefeitura de  
**Manaus**

---

Copyright © 2021 – Grace da Silva Cordeiro  
© Projeto Gráfico – Concultura

**EDITOR**

TENÓRIO TELLES

**COORDENAÇÃO EDITORIAL**

ANDRÉ MARTINS

**CAPA**

ANGELO LOPES

**NORMALIZAÇÃO**

KELLEN ENCARNAÇÃO – CRB-1134

---

C794s Cordeiro, Grace da Silva.

Sublingual cactos flutuantes / Grace da Silva Cordeiro. –  
Manaus : Fundo Municipal de Cultura, 2021. 72p.

ISBN: 978-65-84643-00-0

1. Poesia. 2. Manaus. 3. Memórias. I. Título.

CDD 869.1

---

**Concultura**

Conselho Municipal de Cultura

Av. Sete de Setembro, s/n. Praça Dom Pedro II –  
Centro | CEP: 69005-140 – Manaus – Amazonas  
Ouvidoria: 0800-092-0111  
E-mail: conselho.cultura@pmm.am.gov.br

A leitura é uma experiência mágica e fundamental na vida de todo ser humano e da sociedade. Nesse sentido, os escritores cumprem um papel imperativo, pois criam mundos de palavras que nos permitem viajar por planos e tempos diversos – e o mais significativo: ajudam a manter viva nossa memória e encantam nosso imaginário.

Os Prêmios Literários Cidade de Manaus se inserem nesse contexto em que se conectam a memória, o tempo, a palavra e o imaginário. Isso é a tradição da escrita e da criação literária. E os escritores são os guardiães dessa tradição que se estende ao longo dos séculos. Os criadores, premiados na edição 2021, dão continuidade a essa jornada da palavra escrita. A publicação das obras premiadas é a confirmação desse ciclo do processo literário: em que o escritor cria o seu texto, seguido da edição e publicação, até chegar ao leitor – para assim se fechar o círculo da criação e da leitura.

A Prefeitura de Manaus tem compromisso em estimular a produção literária em nossa cidade. E a continuidade desse projeto de incentivo à escrita é parte do projeto do prefeito David Almeida de gerar oportunidades de reconhecimento dos talentos literários de Manaus.

É uma satisfação testemunhar a conquista dos escritores agraciados com essa distinção que leva o nome de Manaus. A todos boa sorte e boa jornada no mundo da criação literária.

*Tenório Telles.*



DEDICATÓRIA

**A Graça Cordeiro,**  
por ser mulher e tão somente ser.

**A Violeta Branca** (em memória),  
**Astrid Cabral e Regina Melo,**  
pois, continuidade desaguada delas sou.





Seria um jogo a constante expressional da poesia? Ou é o poeta apenas um demente, um parafrênico, que abomina a utilidade do vocábulo, empregando a palavra como valor plástico e musical para seus delírios?

Oswald de Andrade<sup>1</sup>

---

1 O pensamento vivo de Oswald de Andrade. São Paulo: Martin Clared Editores, 1987. p.67



O jorro de sangue é poesia  
Não há como estancá-lo.

*Sylvia Plath*<sup>1</sup>

A poesia existe nos fatos  
Os casebres de açafião e  
De ocre, nos verdes da favela  
Sob o azul cabralino.  
São fatos estéticos.

*Oswald de Andrade*<sup>2</sup>

Poesia é desatino  
Abrindo a noite  
Ao excesso do dia.

*Roberto Piva*<sup>3</sup>

- 
- 1 Revista Época de 19/07/2004. Artigo: Diários de Aflição, de Sérgio Alcides, p.103
  - 2 O pensamento vivo de Oswald Andrade. São Paulo: Martin Clared Editores, 1978, p.67
  - 3 Livro "Ciclones". Coleção Janela do Caos. São Paulo: Mankin Editorial, 1997, p.34



# SUMÁRIO

<b>PARTE I – PREMISSA . . . . .</b>	<b>17</b>
Fato . . . . .	19
Folhas secas . . . . .	20
Desfile. . . . .	21
Linha reta . . . . .	22
Quadro verde . . . . .	23
Suco de maracujá . . . . .	24
Diálogo . . . . .	25
Espinho . . . . .	26
Fúria . . . . .	27
Atrelar-se às estrelas,. . . . .	28
Magma e pó . . . . .	28
Sobre uma sinistra homenagem... . . . .	29
Reunião . . . . .	30
<b>PARTE II – DELÍRIOS . . . . .</b>	<b>33</b>
Fumaça e sol . . . . .	34
Sorriso límpido na estrada . . . . .	35
Tão longe das mãos . . . . .	36
Boiando no igarapé . . . . .	37
Do são raimundo . . . . .	37
Do outro lado do espelho . . . . .	39
Só . . . . .	40
Do vermelho e do negro. . . . .	41
Homem chorando em silêncio . . . . .	42
Eu estou com você quando o vento bate . . . .	43
Das dores ou sublingual. . . . .	45

<b>PARTE III - O GRITO DO PAVÃO . . . . .</b>	<b>47</b>
Teia . . . . .	48
Talvez na próxima . . . . .	50
Devastação em dois atos ou lilá. . . . .	52
Stromboli . . . . .	55
Ontem. . . . .	56
Interlúdio . . . . .	57
Sereníssima . . . . .	59
A alma encolhe . . . . .	61
Sentença. . . . .	62
Terra e osso . . . . .	64
Ranho e renhir . . . . .	65
Luminosidade . . . . .	67
Permanência . . . . .	68
O tempo . . . . .	69
Ar . . . . .	70
Epitáfio . . . . .	71
Companhia para os . . . . .	72
Tempos imemoriáveis . . . . .	72

**SUBLINGUAL:  
CACTOS  
FLUTUANTES**









## **FATO**

Ato com a faca  
Fere a teia.

## FOLHAS SECAS

Dos olhos do menino  
Uma remela escapa  
Ao vento

No tempo,  
Sorrisos reluzentes  
Na janela.

## DESFILE

A linha torta  
Das saúvas em fila  
No caminho tosco.

## LINHA RETA

O lixo e a flor  
Boiando no rio,  
O mesmo destino.

## QUADRO VERDE

Borboleta morta  
Colada no vidro  
Pintura viva.

## SUCO DE MARACUJÁ

O sol aparece como  
Lembrança de verão  
Nos dias de abril.



## DIÁLOGO

*A mente é sensual  
O corpo é imortal  
O poema não importa.*  
**Rodrigo Garcia Lopes<sup>2</sup>**

O copo é sensual,  
A miséria é imoral,  
O poema não importa.

---

2 Anotação s/data

## ESPINHO

Liberdade inconcebível:  
Flor selvagem nascida  
Do asfalto.

## FÚRIA

Tolos átomos ateus,  
Esperança pontiaguda  
E o gesto despencando na certeza meio besta  
Dessa alegria deslavada dos largos sorrisos do vazio.

## Atrelar-se às estrelas, magma e pó

Vida

Morte

Marido e mariposa

Poeta e esposa

Olho gordo

Eu gosto de chocolate

Três prédios azuis na tarde cinza

## Sobre uma sinistra homenagem...

Em busca das memórias do corpo:  
Tradição e desejo,  
Paixão sussurrada,  
O destino do abismo,  
A graça da sobriedade,  
O berço das novas linguagens.

## REUNIÃO

Que se desfaça  
A sombra em  
Pleno matagal  
E jorre sangue  
Como um hino  
Desatento do viver

Entre tantas mãos  
Tocam os dedos  
Em finitas e quase  
Prolongadas vezes  
Teu rosto  
Partindo da minha alma

O véu líquido  
Vem descendo flácido  
Pelas tetas  
Encorajando o orvalho  
Sem tantas demasias

Que o diga o ontem  
Que o faça agora  
Que o despreze sempre

A artimanha do bem-vindo  
O queimar dos tímidos  
A fragrância das moças  
Em pleno castelo do porto

Sem mais demora,  
Aos sonhos que vão chegar





## PARTE II – DELÍRIOS

### Equação biquadrada

Voz: o dente do hálito

Pensamento: o osso do cérebro

Canto de pássaro: uma extensão do bico

Fala: o chifre esgalhado da mente.

**Robert Bringham<sup>3</sup>**

---

3 Livro “Antologia da Nova Poesia Norte-Americana”. Tradução e notas de Jorge Wanderley.

## FUMAÇA E SOL

A tempestade veio e alagou o jardim cultivado dentro do castelo

A tempestade veio com seus ruídos, gritos e seus escuros

A tempestade veio e jogou o dragão aos pés da donzela  
assustada a donzela quis fugir do dragão ...

Que soltava o fogo da paixão e olhos de mistério

E a fumaça ao redor do dragão se transformou em homem  
E então confusa, em delírios, a donzela amou a fumaça, odiou o  
homem

E se jogou na boca do dragão, de onde saía o sol.

## SORRISO LÍMPIDO NA ESTRADA

Esqueci de morrer. Não sei mais como se morre.

O reflexo do brilho das têmporas saltitavam pelas nuvens, e me combalia quebrar castelos com o meu sexo.

Ah! Meu ar tão retilíneo e o cheiro na nuca do perfume esquecido...de esquecer.

Ando pelas estradas e nada me comove, apenas consome e se desfaz, outro retrato, outra figura escondida de mim.

O meu amor é o meu mal, e eu sou o meu bem.

Persisto porque quero outro também desbotado.

Que importa se sei o que existe?Que importa saber quem não sou?

Estou por estar, sem obrigação de morrer ou viver.

Quantos manipulei? Quantos realmente ajudei?

Eu não fiz o que deveria fazer...de cansaço ou vingança?

## TÃO LONGE DAS MÃOS

Ele estava lá. Em pé, belo, o cabelo em desalinho. No escuro, o olhar dela despedindo-se de um futuro que não haverá. Ela cansada obteve forças de chamá-lo através do espelho, tão rápido, tão rápido, o encontro e a despedida. Depois de tanta bobagem, pegar o ônibus, ver as garotas passando sem endereço ou rosto, e procurar, procurar o beijo perdido e o silêncio.

E, o silêncio, silêncio em tudo, sem voz, sem os cabelos vermelhos, sem, sem explicação do que não se explica. Tudo ela, ela, ela, enfim ela, indefinida, no quarto, e ele, ele, ele, confuso, confuso, voltando ao porto seguro. O que houve? Nada, nada, nada! Ela vagando catando estrelas no chão, ele se matando por causa de uma vadia. Quanta dor cabe um coração culpado? Ela, culpada, culpada.

Hoje ele vai dormir em paz, com sua flor e seu jardim. O que importa é que a flor continue no jardim.

## BOIANDO NO IGARAPÉ DO SÃO RAIMUNDO

*“A assinatura de todas as coisas”*

*James Joyce*

Boiando sobre todos, ainda que seja companheira das geladeiras moribundas, das malas quebradas, das garrafas secas, das latas enferrujadas e da....merda.

Boiando como um anjo, sem pecado nem asneira, sem passado, futuro ou sequer presente.Boiando como uma flor arrancada do jardim só porque não havia nada para fazer.Boiando como eco de um gozo sem intenção, sem relacionamento, sem camisinha.Boiando sem raciocínio ou direção.Boiando, olhando as nuvens, se entristecendo, contemplando e ...boiando.Leve, porque o viver não trouxe ódio, inveja, erros, filhos ou uma dívida para se preocupar.Não construiu nada, mas matou muitos sonhos, também leves.Aprendeu a escrever, a imitar, a querer, a ser correta consigo mesma. Tudo vão.

Quis ser pústula para entrar em erupção e feder, mas tornou-se uma bolha de sabão colorida, pequena e amoral como uma borboleta.E no seu cantinho gemia:Oh, céus!Oh, sujeira divina! Eu quero paz, quero um milésimo segundo da eternidade, um grão de paz!Mas, como riam os trovões da sua ingenuidade, riam de dar dó, de fazer chorar. Estavam embriagados desde sempre. Brincando de ressuscitar barro, moldando vaidades, expondo suas marionetes.

Oh! Deus nos deu sangue, sexo, escrita para que a morte fosse algo memorável. E a liberdade tão decantada, por onde an-

da? Não a encontro sozinha, não a encontro acompanhada. Ali está, como lodo ou alga servindo de alimento, que escapa, que possui fios onde não existe a continuidade. Qual a felicidade para a dor intensa? A morte física ou a alienação? Oh! Oh! Gritam os olhos de todas as coisas, me destratando, me engolindo: -Você, tua leveza te amaldiçoa! Você é tão inútil, tão grandiosa, tão nada, para querer ter paz.

## DO OUTRO LADO DO ESPELHO

A alma borbulha dentro do aquário, vez por outra é alimentada por cócegas dos peixes brincando com seus detritos. No canto da mesa ela vê imagens distorcidas, multifacetadas de animais andando, sorrindo, gritando e às vezes, chorando. Ela não entende essa matéria transparente e dura que a impede de expandir-se. Então se percebe suja porque alguém vem limpar, e com o passar do tempo vai se tornando frágil e criando rachaduras. E, não se define ar ou água, pois, quando o aquário é esvaziado, continua sentindo o eco das pedras, dos peixes, do matinho balançando...

## SÓ

Compreensão bárbara  
Flui desgovernada no vácuo  
Bizarro das horas indisponíveis

Caminhamos às abertas, frouxas  
E ninguém vê  
Anda contigo o inevitável  
Fingimento das percas  
Que não acabam nem rolam

A angústia batendo em um poço com mil rodopios,  
Formando ondinhas silenciosas,  
Findas num cantinho brejeiro duma  
Existência com muito teor de poucas auroras.



## DO VERMELHO E DO NEGRO

A intensidade é um fio de nylon na vida dos homens

Corda do baixo  
Corda da guitarra  
Corda do violino  
Prestes a gritar  
Prestes a quebrar

A todo tempo macia e feroz  
Com a boca do som  
Sem dentes mastigando o tempo  
Dos cabelos ao vento  
Das bandeiras plainando na avenida

O ruído da cadeira do presente  
Desmiolado, desgrenhado, desenhado  
Negro nos olhos  
Vermelho na faca  
Com serpentes da palavra.

## HOMEM CHORANDO EM SILÊNCIO

*“la flaqueza del bolchevique”<sup>4</sup>*

Basta.  
O vidro fechado  
a cidade correndo  
dirigindo a si  
perdido e achado  
no nome de alguém,  
    bilhete riscado  
as pálpebras imóveis  
feito foice cravando  
lembranças na terra  
de ninguém,  
telefone toca,  
tudo some  
na nuvem do querer  
que desmancha  
que alaga  
teu rosto  
Provocando o  
Indefinível.

---

4 Do filme “La flaqueza del bolchevique, 2003, de Manuel Martin Cuenca. Exibição na TV Cultura, novembro/2006.

## EU ESTOU COM VOCÊ QUANDO O VENTO BATÊ

*“o amor nunca morre de morte natural  
morre porque não sabemos reabastecer sua fonte  
morre de cegueira e dos erros e das traições  
morre de doença e das feridas  
morre de exaustão, das devastações,  
da falta de brilho” Anais Anin<sup>5</sup>*

Não se encontra duas mulheres *devastadoras*  
Ao mesmo tempo, numa mesma vida.  
O amor precisa do calor invisível  
Da retina brilhante como a  
Ponta de uma adaga  
Com cabo argênteo.

Porque ele sempre está  
Por um fio do inconstante momento.  
Não se percebe, oh! não se percebe  
Sua presença, seu pensar e penar que  
Esvai-se como um córrego no verão.  
Essa é sua tragédia e sua comédia.

Lembra um bolero, os blocos de pedra  
Na rua estreita, a lua prateada,  
O cheiro almíscar exalando o  
Vinho do passado ou do futuro

---

5 Site: [http://www.pensador.info/autor/Anais\\_Nin/](http://www.pensador.info/autor/Anais_Nin/)

Vê as nuvens deslizando, ouve o silêncio  
Do corpo dizendo “SIM” e pega a alma  
Da pessoa amada com a boca

Não queres pretender sentir o peso  
E a leveza da tua importância?

O incômodo peso do outro, suas pisadas,  
Seu respirar, sua agonia, seu continuar..  
E a leveza do abismo secreto  
Da primavera se entregando toda,  
A cada dia, a cada sonho rasgado  
No inverno das horas fumegantes,  
Na boca colossal das palavras não ditas.

## DAS DORES OU SUBLINGUAL

Não, não compreendo a minha lida  
Sina algoz, feroz, fútil  
Não é túnel nem fuzil  
Nem fósforo aceso na escuridão  
(lembança de Érico Veríssimo)

Caminha-se só  
Caminha-se nó  
Na garganta, o som disfarçado de flecha  
No pescoço, o alvo da ideia retilínea

E aquela luz é doce e seca e morta  
E aquela escuridão é luz morta  
Luzes apagadas, afogadas  
Luzes que se foram

Por que entender se nada faz sentido  
Por que ser, se somos todos um  
Anil, anis, anéis

Sei da lima que corta  
O ferro velho:  
Enferrujado, enrugado, servil  
A guilhotina,  
Ferro novo:  
Mente aberta, cabeça caída

Luz, escuridão, luz  
Descansando no caos  
Não há motivo óbvio  
Para se descansar  
- manter coração e razão -

Há sim...Carmim, jasmim, curumim  
Há...Sobrevivência, subversão, subvenção

Subir a escada e não cair  
Descer carregando a amada  
(Ah! Das Dores)  
E voltar íntegro, com as lavas  
Eternas da inquietude que lambe  
O mel da juventude

Sobreviver para sobreviver  
Não para amar, odiar, ler  
Escrever, apenas sobreviver  
O resto, o reto, o gesto são consequências.

O canto do galo ao meio-dia.

## PARTE III - O GRITO DO PAVÃO

Ó delicados!  
Vós que pousas o amor sobre ternos violinos  
Ou, grosseiros que pousais sobre os metais!  
Vós outros não podeis fazer como eu,  
Virar-vos pelo avesso  
E ser todo lábios.  
*Vladimir Maiakovski*<sup>6</sup>

Eu não sabia  
Que virar do avesso  
Era uma experiência mortal.  
*Ana Cristina César*<sup>7</sup>

---

6 Vladimir Maiakovski. Antologia Poética. Ed. Max Limonad, 3ª ed.

7 Poema "Fagulha". Site: cais de poemas

## TEIA

Eu volto quieta  
Eu volto demarcada,  
Desmascarada  
Volto como símbolo sussurrante  
De uma presença cativante, pulsante  
Que revolta teus pêlos  
E neles se aquece e se esquece.

Sou fantasia desesperada  
Nessa realidade quântica  
Sem intervalos, sem portais

Sou o sol que fere e amacia  
Cheia de prantos, soluços,  
E olhares submundos.

Você vê e não crê  
Que eu existo, resisto, implodo  
E espalho imperfeição,  
Cores alucinantes, sábados dançantes,  
Neuroses e tranqüilizantes.

Sou o que te faz sonhar  
Sou um pedaço de um gesto  
Multilateral-multifacial  
Mundi-mundi  
Mapa-palavra-colônia-casa  
Asa-curral-vaca-panela



Sou Estocolmo,  
Arranha fria no teto azul,  
Sou Arábia,  
Oásis vestido com túnicas coloridas,  
Sou a galáxia sangrando poeira.

Imagem-cheiro-blue moon  
Fio de cabelo breve  
Sorriso de infinito mistério  
Respirar leve no peito cansado

Eu volto quieta  
Porque há muitos caminhos  
Para se encontrar

Muitos rios, mares, povoados,  
Peixes, bichos, árvores,  
Espaços, paredes, muros,  
Filhos, tios, nascimentos,  
Renascimentos, guerras, armamentos,  
Igrejas, flores, pais, livros,  
Programas, teatros, hospitais,  
Carros, arroz, feijão,  
Preços, valores, prédios,  
Aviões, ônibus, internet,  
Telefone, música, grito,  
Desejos, falsidades, falcatuas,  
Pontes, solidão, praças,  
Ambições, lojas, escolas...  
\_ entre nós \_

## TALVEZ NA PRÓXIMA

*Para Robert Vaughan<sup>8</sup>*

Correr...andar sem muletas  
Voar...gravidade nua  
Poder ser um imbecil,  
Um covarde,  
À beira das asas coloridas  
De algum anjo besta

Que sugue minhas forças  
Na noite fria à procura  
Das masculinidades

No armário, saias e botas  
Num espaço devastado  
Por infantilidades

Oh! Julie,  
Poupe-me das lembranças velozes,  
Das lembranças dicotomizadas,  
Das pizzas, dos hambúrgueres.  
Dos beijos, da calçinha  
Jogada em cima dos livros

---

8 Do livro *Crash*, de J.G. Ballard, 1973 e do filme de *Crash*, *Estranhos Prazeres*, David Cronenberg, 1996.

Venha Julie,  
Venha e me apanhe  
Como uma doença terminal

Venha e diga que tudo está  
Perdido,  
Venha e me salve da rotina,  
Do acordar cheio de dores  
Que já conheço

Oh! Julie, entre e saia  
Pela mesma porta  
Porque não quero  
Ferir a beleza  
Que não me pertence.

## DEVASTAÇÃO EM DOIS ATOS OU LILÁ

Sadness, sadness...

Vê aquela mulher que parte  
 Vê aquela mulher que arde  
 Vê essa mulher, de repente  
 Tornou-se apenas um passo  
 Sem história,  
 Sem sexo,  
 Sem textura

(neblina  
 sua  
 nua)

Vê aquela mulher que parte  
 Essa mulher já quis ser tua  
 Já quis dormir nos teus abraços  
 Te aquecer os pés  
 Sentir teus olhos na cara

(límpida lâmina  
 veludo azul  
 seda seca  
 rápido – no tempo)

Tanta delicadeza  
 Tanta trama  
 Por um sorriso  
 Que vinha do acaso

(passo a passo  
pássaro ser bruma  
e não ser  
espuma-pássaro  
- o outono)

Sente o salto firme  
Ele está pisando no teu  
Cadáver, no tesão  
De outrora

(hora, hora, hora,  
sem hora,  
Vambora!  
A hora embola  
Embala  
Mão na mão)

Não há mais esperança  
E tua atenção apodreceu  
Na tua voz fria,  
Na tua ânsia tímida  
Na tua brincadeira despreziosa

(visgo da terra  
lume na boca  
borboleta voa)

Ela não vai olhar para trás  
Porque sabe que não valerá  
A lágrima, nem a ironia,  
Nem a ilusão de  
Ter sido especial

(porta fechada  
 presente virou  
 passado de  
 pernas entreviradas  
 - espaço sideral)

Pois não foi. Não minta  
 Não finja. Não tenha pena.  
 Deixe-a em paz seguindo  
 Seu reto caminho

(dia-  
 dorzinha  
 diabo se  
 encarrega de  
 enterrar)

Seu correto caminho  
 Sem ti  
 Sem teu falso ardor  
 Sem tua falsa carência

(ar gélido-  
 ria o rio  
 sem porto)

Outros merecem ter o  
 Que você não pode dar

(pústula  
 estoura  
 depois  
 sara  
 vira  
 orquídea).

## STROMBOLI

Entrando na toca daquele animal sangrento  
Penetrando a selvageria florida,  
Tão distantes cosmos, tão distantes vias,  
Pontuadas de dedos dilacerantes, ferventes.

Nossas entranhas espalhadas  
Por cada viga da parede  
Pingando suspiros  
Babando declarações

E o vento lá fora nos chamando  
E no casulo,  
Eu-umbigo,  
Tu-feto,  
Nós-imbróglio.

## ONTEM

*Para Cass<sup>9</sup> e Charles Bukowski,  
Em memória*

Já escrevi mil vezes sobre a mesma coisa  
Apenas os homens são diferentes me ferindo da mesma forma

Como uma agulha picando no cérebro:  
Esse é o remédio  
Esse é o veneno

Deixa o pelicano caçando seu peixe  
Sentindo na pedra a maresia de um dia longo  
O sangue boiando na pupila de um sol castanho  
Desterro.Desalento.

...Porque do amor o pus se transforma  
Em mel para depois tudo se perder na vulva do desconhecido.

---

9 Do livro "Crônicas de um amor louco: ereções, ejaculações, exibicionismos. Parte I. Charles Bukowski, no conto "A mulher mais linda da cidade". Porto Alegre: L&PM, 1984. p 7-12



## INTERLÚNIO

- Você não se deixa mostrar...
- Por quê? Para quê? Para você me destruir?
- (sorriso amarelo)
- Te dou uma flor ou uma navalha?
- Tanto faz, dói do mesmo jeito quando não é amor
- De novo nosso acaso
- Eu sou inevitável
- Sombra ou neblina?
- Neblina que te veste. Sombra não, porque gosto da nudez vista
- E agora?
- Já foi o agora. Você me matou, não lembra?
- Como?
- Com um beijo nas costas e um sorriso nos olhos
- Não fala, tua boca mexendo me dá estranhamento
- Do quê?
- Dessa fumaça que é teu corpo. Madeira queimando. Pele caindo e uma estrela no amanhã.
- Pirou?
- Não. Piorei.
- Sai.
- Não consigo!
- O quê?
- Te fitar, ser teu, aquietar meus dedos que te querem
- Será assim
- O nosso fim
- Terminar na lama
- Mulambento!

- O quê?
- ....lambendo o ....
- o quê?
- ....Nada
- O cano da pia estourou
- Chama o médico
- Já estou apodrecendo
- Já sou cinza
- Cinza-carniça
- Não tem jeito!
- Só separados!
- Fogo e carne
- Churrasco ou Pizza?
- Churrasco!
- Pizza!
- Adeus!
- De novo?!?!?!?
- (sorriso verde)

## SERENÍSSIMA

*Para Jack Kerouac  
Em lembrança*

Ele me chupando  
A vida está no prelo  
Ela parindo  
A vida está no prelo  
Carregando todo peso do mundo  
A vida está no prelo  
Borrando a maquilagem  
A vida está no prelo  
Afiando os dentes  
A vida está no prelo  
Abençoando as putas  
A vida está no prelo

Desdentados sorrindo  
A vida está no prelo  
Escritor sem teto  
A vida está no prelo  
Por minutos, no banho  
A vida está no prelo  
Escritor na montanha  
A vida está no prelo  
Recluso  
A vida está no prelo

Coelhinha da Playboy  
A vida está no prelo

Vomitando suas jóias  
A vida está no prelo  
Atravessando a rua  
A vida está no prelo

Pagando as dívidas  
A vida está no prelo  
Comprando conforto  
A vida está no prelo  
Conhecimento é poder  
A vida está no prelo  
Poder vem com política  
A vida está no prelo

O que me mata não me fortalece  
A vida está no prelo  
Eu sei de toda dor  
A vida está no prelo  
Que me consome com vermes invisíveis  
A vida está no prelo  
Por isso não chego perto do deus platinado  
A vida está no prelo

Porque continuo a arder  
...ON THE ROAD.

## A ALMA ENCOLHE

Desmembrando a carne  
Como um molusco no jardim  
Aguardando a morte  
Despedindo-se da vida

Quimeras. Crepúsculos.  
Lá se foi um raio de sol  
O brilho dos olhos  
Nas horas pesadas

Ó te abençoô ridícula emoção  
Ó te desprezo dicotomia da racionalidade  
Ao que vem, ao que vai  
Matéria fabricando  
Tijolos e aconchego.

## SENTENÇA

Das mil faces da mulher,  
Qual é a que veneras?  
Qual é a que queres?  
Qual é a que surpreende?

Dia após dia na agonia  
Do ser refletindo as paisagens  
De uma Barcelona quente  
Vielas como a caverna de Platão  
Sem sombras

Aos covardes, nada de mistério  
Aos covardes, nada de paixão  
Aos covardes, a indiferença

Pela racionalidade se constroem  
Prédios, carros, roupas.  
Mas, e o resto?

Letras secas como um muro  
Tijolos não são mãos amarradas  
E a ânsia sexual faz parte  
Do alimento comungado com a cruz

Bicho severo é a mulher  
Enfrenta mil desafios  
Sussurra mil desafetos  
Brinca com mil palavrões

Para se tornar uma, a única,  
A estrela que caiu na testa da noite.

## TERRA E OSSO

A umidade dos fósseis  
A umidade do sexo  
A umidade da noite  
A umidade do som  
A umidade do despertar

A unidade  
A unicidade  
A univoxsex  
A unibandeira sem pêndulo

O terno voraz do orvalho  
O eterno vestido de bruma  
Tu-tu-tu  
Tumulto no tûmulo  
Em lápide

Fotos do caos  
Quem foi, volta  
Quem não foi, volta  
Tudo mais no passado  
Marrom com morango

No céu da boca que sangra  
A umidade  
A unidade  
Do corpo retalhado pela língua.



## RANHO E RENHIR

Pó ao pó  
só ao só  
sol ao sol  
dia e dia  
não  
Re\_lento  
Re\_lembro  
Re\_benta  
a íris  
os dentes pendentes  
agulha furando  
o sonho do som  
no olho de vidro  
acrílico  
fio  
filho  
filhós

doce esse ar  
bebido  
Pé a pé  
no ralo  
cabelo  
sabonete  
um gemido

de tudo  
de tanto  
o tempo preenche o lar

e dá cor  
odor  
ao  
acordar  
continuar  
de novo  
o movimento  
e o riso solto no sal  
pó\_eira  
sem\_eira  
peneira  
escapa na  
estrada  
Teu gozo  
em partículas  
mínimas \_  
Respirar.

## LUMINOSIDADE

Na areia quente que chega  
Sugando teus pés reluzentes  
A sede do viver  
Tão de repente  
Como uma gota da chuva  
Beijando o girassol de plástico.

## PERMANÊNCIA

Palavras pra dizer  
De novo o que foi dito  
Todas as folhas em branco  
Todos os livros fechados  
Tudo com todas as letras  
Nada de novo debaixo do sol.

*Marcelo Frommer e Sergio Britto*<sup>10</sup>

Deixar-se na praia:  
Pérola

Deixar-se no penhasco:  
Vento delirante

Deixar-se no ar:  
Folha que queima

Deixar-se na carne:  
Pergaminho.

---

10 Da música "Palavras" do grupo de rock brasileiro, Titãs. CD ACÚSTICO MTV TITÃS.

## O TEMPO

Vinho  
&  
Arsênico

## AR

Poema é *língua*  
vento desedificante  
estrutura solar  
estrutura lunar  
*sangue* coagulado  
talhado com *lembranças*.

## EPITÁFIO

*Poeta não se define: é um ser à parte.*

**Jorge Tufic**<sup>11</sup>

No  
Olho  
Da  
Esfinge  
Está  
Escrito  
:  
Não  
Me  
Decifre

---

11 Pinto, Zemaria. A Poética de Jorge Tufic. Transcrição do poema “Poeta não se define: é um ser à parte” In: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/zpinto12c.html> Acesso: 18/01/2021

## COMPANHIA PARA OS TEMPOS IMEMORIAVEIS

“O poeta é um homem como os outros  
Um pedreiro que constrói seu muro  
Um construtor de portas e janelas.”  
*Nicanor Parra*<sup>12</sup>

Virginia	Sylvia	Anne	Anais	Simone	Floberla	Frida
Diane	Sarah	Hannah	Nina	Violeta	Luz Del Fuego	
Ana	Alejandra	Patrícia	Clarice	Hilda	Fernanda	Marcia

---

12 Nicanor Parra no poema “Manifesto”. In: [http://www.antonio Miranda.com.br/iberoamerica/chile/nicanor\\_parras.html](http://www.antonio Miranda.com.br/iberoamerica/chile/nicanor_parras.html) Acesso: 14/06/2021